

O Conflito Sírio: A Retirada das Tropas Estadunidenses e a Investida Turca Contra os Curdos

Renato Matheus Mendes Fakhoury¹

A GUERRA CIVIL SÍRIA NO CONTEXTO DA PRIMAVERA ÁRABE

A análise da situação síria seria incompleta se não a inseríssemos em um contexto regional, marcado pelas revoluções da Primavera Árabe, uma série de protestos contra governos no mundo árabe, que se iniciaram na Tunísia em dezembro de 2010 como resposta à baixa qualidade de vida e medidas de repressão. Embora a revolução tunisiana não tivesse aspirações regionais, suas características se replicaram em protestos em outros países, e culminaram na queda de regimes, guerras civis e aumento da violência².

As representações mais fortes de embates entre forças do governo e a população foram vistas na Líbia, Egito, Iêmen, Síria e Barein, embora protestos robustos também tenham acontecido no Iraque, Marrocos, Líbano, Jordânia, Kuwait, Omã, Algéria e Sudão. Enquanto a onda inicial de protestos se dissipou até meados de 2012, guerras civis emergiram na Síria, Líbia e Iêmen. No Egito, uma sucessão de *coups d'état* resultou no surgimento de uma força insurgente³.

Gause III (2011)⁴ aponta o fato de que o mundo árabe vinha sendo governado por famílias em regimes autoritários que datam do início do século XX⁵, e que sobreviveram às ondas de democratização que tomaram lugar na América Latina, Leste Asiático, Leste Europeu e África Subsaariana. Isto não ocorreu em razão das populações

árabes aceitarem passivamente governos autoritários, mas porque os protestos civis eram violentamente reprimidos. A principal crítica aos estudos previamente desenvolvidos sobre os regimes do mundo árabe se refere ao valor demasiado que eles deram a mecanismos de repressão, vistos como bem-sucedidos, falhando em prever as ondas de protestos na dimensão que ocorreram em 2011.

A Síria se enquadra como um país detentor de características que a permitiram seguir no contexto de Primavera Árabe, uma história política dominada por uma família ou grupo e altos índices de repressão da população.

HISTÓRICO DO CONFLITO SÍRIO

A República Árabe da Síria faz fronteira com a Jordânia ao sul, com Israel a sudoeste, com o Iraque ao leste, com a Turquia ao norte e com o Líbano e o Mar Mediterrâneo a oeste. Politicamente, o país era uma república unitária, transformado pela constituição de 2012 em uma república semipresidencial, e está dividido em quatorze províncias. Sua inserção internacional se dá, principalmente, por meio da participação nas Nações Unidas e no Movimento dos Não-Alinhados. Dadas às instabilidades de 2011, o país foi suspenso da Liga Árabe⁶ e da Organização da Cooperação Islâmica, e se retirou voluntariamente da União Pelo Mediterrâneo⁷.



Guerra Civil Síria – Jan. 2016

Autor: Mohammad Reza Jofar

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Syrian_Civil_War_20160107_03.jpg



Campo de Refugiados na Fronteira entre Síria e Turquia (2012)

Autor: Henry Ridgwell (VOA)

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Syrian_refugee_camp_on_theTurkish_border.jpg

O nome Síria diz respeito a uma região mais ampla, também conhecida como Levante, historicamente fruto das “províncias sírias” mantidas pelo Império Otomano. Com a derrota do Império durante a Primeira Guerra Mundial, este território foi dividido em áreas de influência britânicas e francesas através do Acordo *Sykes-Picot* (1916), pelo qual a atual Síria se tornou um protetorado francês⁸.

Gambill (2013) ressalta que a administração francesa sofreu forte resistência síria⁹, encarnada na figura do Sultão Al-atrash, que liderou revoltas em 1923 e 1925-1927 que acabaram por se expandir por todo o território da Síria e por partes do Líbano. Para conter as rebeliões, a França enviou tropas estacionadas no Senegal e Marrocos¹⁰.

Em 1936, foi negociado o tratado de independência, que apontou Hashim al-Atassi como o primeiro presidente da Síria moderna. Entretanto, devido a entraves no sistema legislativo francês, o tratado não chegou a vigorar plenamente, e, em 1940, o país foi colocado sob o governo da França de Vichy e ocupado por tropas francesas e britânicas como parte do esforço da Segunda Guerra Mundial. Com o término do conflito, entretanto, pressões de grupos nacionalistas sírios culminaram na evacuação das tropas francesas, e um governo republicano foi estabelecido¹¹.

O período republicano (1946-1963) foi marcado por instabilidades e golpes de estado. Em 1948, por exemplo, uma coalizão de forças sírias e de demais países árabes participou da invasão à Palestina e a assentamentos judeus com o objetivo de impedir a criação do Estado

de Israel, no que ficou conhecido como a “*Nakba*”, ou catástrofe, em árabe. Com a derrota dos países árabes, a Síria sofreu três golpes de Estado consecutivos em 1949. Outro golpe em 1954 colocou em vigor um sistema parlamentar no país. Em 1958, foi anunciada a união entre os territórios da Síria e Egito para a criação da República Árabe Unida. Este novo Estado vigorou até 1961, quando um golpe desvinculou a Síria desta união¹².

Outro golpe, em 1963, instaurou um governo baathista na Síria. De acordo com Hinnebusch (1993), o Baathismo é uma ideologia nacionalista árabe desenvolvida por teóricos sírios, que mescla características do pan-arabismo, do socialismo e do nacionalismo¹³. Tal vertente fez com que a Síria participasse de conflitos importantes no Oriente Médio, principalmente contra Israel¹⁴. A Síria também ocupou o Líbano de 1976 a 2005, sob o objetivo de enfraquecer o partido esquerdista libanês e proteger a comunidade cristã daquele país.

Pode-se, portanto, colocar a Síria como um centro político e ideológico, conectado ao restante do Oriente Médio e do mundo árabe.

Reformas econômicas iniciadas por Hafez al-Assad, presidente sírio de 1970 a 2000, e continuadas por seu filho, Bashar al-Assad, tinham ênfase em beneficiar o setor de serviços, e acabaram por impactar positivamente apenas uma minoria da população. Em adição, a Síria sofreu, o maior período de estiagem já registrado em sua história, entre 2006 e 2011. Este fenômeno fez com que o preço dos alimentos se elevasse, e causou

migrações em massa de áreas rurais para áreas urbanas¹⁵.

A primeira etapa do conflito civil sírio foi caracterizada por mobilizações civis, que se iniciaram em janeiro de 2011. Os manifestantes pediam por reformas democráticas, e foram confrontados por forças da polícia e do exército sírio. O movimento culminou em prisões e em mortes decorrentes da violência policial. Em vista dos protestos, que cresciam em dimensão, o governo prometeu uma série de concessões, chegando, inclusive, a suspender o estado de emergência que vigorava no país há cinquenta anos, e, de acordo com os manifestantes, era utilizado para justificar prisões arbitrárias e assassinatos¹⁶. Os protestos, entretanto, continuaram, uma vez que os manifestantes julgaram as promessas do governo vagas.

A transição do período de manifestações para a insurgência armada foi marcada pela criação do Exército Livre da Síria (ELS), em julho de 2011. Formado por desertores do exército sírio, a autoridade do ELS não foi inicialmente reconhecida pelas milícias locais do país.

Com a formação deste grupo insurgente, tentou-se implementar uma série de medidas pela comunidade internacional. Em dezembro de 2011, o governo Sírio concordou em receber uma delegação da Liga Árabe para a fiscalização de um acordo firmado, onde o governo aceitaria cessar a violência contra civis, retirar blindados e tropas militares das cidades e libertar prisioneiros políticos. A oposição, entretanto, acusou a delegação da Liga de ser demasiado pequena, e o governo de ter lhes mostrado apenas cenas ensaiadas. Outra tentativa foi tomada por intermédio do Secretário Geral da Organização das Nações Unidas, Kofi Annan, e da Liga Árabe, e resultou em um breve cessar-fogo em abril de 2012¹⁷.

Em junho de 2012, uma conferência sediada pela ONU em Genebra com representantes da Liga Árabe produziu o Comunicado Final do Grupo de Ação sobre a Síria¹⁸, que colocava seis pontos que garantiriam uma transição política pacífica para o governo sírio. Os pontos incluíam um cessar-fogo entre os partidos beligerantes sob observação da ONU; a garantia de assistência humanitária onde necessário; o apontamento de um interlocutor sírio para a ONU; a

intensificação do processo de libertação de pessoas presas arbitrariamente e a garantia de liberdade de movimento para jornalistas e de liberdade de associação para a população¹⁹. O processo, entretanto, não teve continuidade.

O movimento insurgente ganhou mais força em 2012, com o ELS conquistando importantes posições no leste e norte do país, chegando a capturar a porção leste de Aleppo, a cidade mais populosa da Síria.

Em agosto de 2013, entretanto, supostos ataques pro-Assad utilizando armas químicas no subúrbio de Damasco mataram centenas de pessoas, aumentando a pressão internacional. Os Estados Unidos, França e Reino Unido consideraram medidas retaliatórias contra o regime de Assad, condenando o ataque como contrário às normas do Direito Humanitário Internacional. Por outro lado, Rússia e China se posicionaram contra possíveis intervenções na Síria²⁰. O impasse foi resolvido de maneira diplomática, quando Rússia, Síria e os Estados Unidos assinaram um acordo que colocou as armas químicas sírias sob controle internacional. Até 2014, todo o armamento havia sido removido do território sírio.

O conflito voltou a se intensificar em 2013, com a ascensão de grupos religiosos. A filiada da *al-Qaeda* na Síria, Frente *Al-Nusra*, também chamada de *Jabhat Fateh al-Sham*, conseguiu relevância no conflito por se aliar a diferentes facções da oposição. Pouco tempo depois, Abu Bakr al-Baghdadi, líder da *al-Qaeda* no Iraque, anunciou a fusão das forças no Iraque e Síria sob o nome de Estado Islâmico do Iraque e

Levante (ISIS). Apesar de expectativas de que os dois grupos se unissem, a Frente *Al-Nusra* recusou a fusão, e os dois grupos acabaram por se opor²¹.

O aparecimento destes grupos intensificou o envolvimento internacional no conflito, principalmente de países ocidentais como os Estados Unidos e França, mas também da Turquia, Rússia e Irã.

INTERVENÇIONISMOS NA SÍRIA E OPERAÇÕES DOS EUA

Embora os Estados Unidos tenham apenas centralizado suas ações na Síria em uma intervenção militar em 2014, sua participação data do início do conflito, quando se iniciou um modesto programa de treinamento de grupos rebeldes. Da mesma forma, Turquia, Arábia Saudita e Qatar financiaram grupos rebeldes, e o governo sírio recebeu armamentos do Irã e do grupo libanês *Hezbollah*²².

O grupo Estado Islâmico rapidamente tomou territórios importantes na fronteira entre Iraque e Síria, fazendo com que os Estados Unidos anunciassem ataques aéreos no Iraque para impedir o avanço do grupo à região curda. Os bombardeios foram ampliados em setembro de 2014 para a Síria, contando com o apoio de uma coalisão de Estados árabes²³.

Seguindo as ações dos Estados Unidos, o governo sírio solicitou oficialmente ajuda militar da Rússia contra os grupos rebeldes. Em resposta, a Rússia lançou ataques aéreos no noroeste do país contra milícias de oposição, incluindo o grupo ISIS, a Frente *al-Nusra* e

Coalizão Nacional Síria. Oficiais russos relataram que o principal objetivo da operação seria ajudar o governo a reconquistar os territórios perdidos, enquanto o presidente Vladimir Putin o definiu como “estabilizar o poder legítimo na Síria e criar condições para comprometimento político”²⁴.

Em outubro de 2015, o então presidente estadunidense Barack Obama autorizou que tropas de Operações Especiais fossem deslocadas à Síria. Embora o objetivo principal destas tropas fosse de treinar forças locais para lutar contra o Estado Islâmico, a possibilidade do aumento no número de tropas enviadas permaneceu em aberto. Em março do ano seguinte, tropas do Comando de Operações Especiais anunciaram a execução do líder do ISIS na Síria, Abu Ali al-Anbari²⁵.

No decorrer do conflito os Estados Unidos enviaram cerca de 2,500 militares à Síria. Estas tropas foram utilizadas em operações para reconquistar territórios que haviam sido tomados pelo Estado Islâmico, como, por exemplo, as operações na cidade de Raqqa, onde foram utilizados mais de quarenta mil projéteis contra alvos do ISIS. A fins de comparação, foram mais projéteis do que o total utilizado na invasão do Iraque em 2003²⁶.

Em 2018, um suposto ataque do governo sírio com armas químicas contra a população na cidade de Douma teria deixado ao menos 40 mortos. Em resposta, Estados Unidos, França e Reino Unido anunciaram uma série de ataques contra prédios do governo, utilizando mísseis disparados de navios, submarinos e aeronaves. O governo sírio negou as acusações de utilizar armas químicas contra civis, e classificou a ação dos EUA como uma violação do Direito Internacional. Durante a operação foram alvejados prédios estratégicos nas cidades de Homs e Damasco²⁷.

Apoiando o governo baathista, já foram citados a Rússia, o Irã e o Hezbollah. Além destes, destaca-se o Iraque, que desde as manifestações de 2011 ofereceu apoio financeiro ao regime de Assad²⁸, permitiu que o apoio vindo do Irã atravessasse seu território rumo à Síria, e assinou um acordo para fornecimento de combustível ao governo sírio. Em 2018, a Síria deu permissão para que o Iraque



Soldado do Exército Livre da Síria caminhando em ruínas em Aleppo (2012).

Autor: VOA

https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Syrian_Civil_War#/media/File:Free_Syrian_Army_soldier_walking_among_rubble_in_Aleppo.jpg

atacasse bases do ISIS em seu território sem necessidade de notificação prévia²⁹.

Apoiando a oposição síria, os principais atores são os Estados Unidos, a França, Reino Unido, Turquia e alguns países da Liga Árabe, como Qatar, Arábia Saudita e Jordânia.

A participação francesa, por sua vez, se intensificou a partir dos ataques terroristas que tomaram lugar em Paris, em 13 de novembro de 2015, e mataram 130 pessoas. Citando o artigo 51 da Carta das Nações Unidas, que diz respeito ao direito das nações de autodefesa, a França intensificou ataques aéreos contra alvos do Estado Islâmico na Síria, principalmente na porção leste do país. A Rússia classificou os ataques franceses como ilegais, fazendo com que o porta voz de Relações Exteriores francês, Romain Nadal, emitisse um comunicado que definia os bombardeios como uma resposta apropriada ao ISIS³⁰.

No âmbito da Liga Árabe, Qatar, Jordânia e Arábia Saudita tiveram participação no conflito sírio, principalmente através da venda de armamentos e apoio aos grupos rebeldes. O Qatar ofereceu pensões de até US\$ 50.000 para desertores do exército sírio e suas famílias, além de fornecer armamentos e apoio financeiro estimado em US\$ 3 bilhões para grupos rebeldes³¹. A Jordânia, como uma reação à ameaça feita pelo ISIS de destituir a monarquia do país, se uniu aos bombardeios executados pelos Estados Unidos na Síria em setembro de 2014. Já a Arábia Saudita, em um primeiro momento financiou compras de armas para grupos rebeldes, e, posteriormente, forneceu armamento diretamente a estes grupos³².

Com isso, o conflito na Síria rapidamente se internacionalizou, com intervenção de diversos países não só da região, como também europeus e os Estados Unidos. A inserção de vários atores, cada qual com agendas e interesses próprios, em uma região já altamente instável, acabou por prolongar e intensificar o conflito.

A RETIRADA DAS TROPAS DOS EUA E A OFENSIVA TURCA CONTRA OS CURDOS

Em janeiro de 2019, negociações envolvendo o governo dos Estados Unidos e a Turquia resultaram no início da retirada das tropas estadunidenses



Comboio de ônibus se prepara para transportar civis para fora de Madaya, como parte do cessar-fogo Zabadani assinado em 2015.

Autor: Qasioun News Agency

https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Syrian_Civil_War#/media/File:Buses_in_Madaya.png

de território sírio. Durante uma visita à Israel e Turquia, o então Conselheiro para Segurança Nacional dos Estados Unidos, John Bolton, argumentou que tal retirada dependia de algumas condições fundamentais, como a garantia de que o restante das forças do ISIS seria derrotado e que a população curda vivendo no norte da Síria não seria ameaçada por possíveis incursões turcas³³. O presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdogan, entretanto, rejeitou a proposta de defender populações curdas, consideradas pela Turquia como terroristas³⁴.

Dias depois, o Secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo, afirmou em uma coletiva de imprensa que os Estados Unidos estariam prontos para deixar a Síria, mas que não ofereceriam ajuda para a reconstrução do país até que forças iranianas tivessem se retirado³⁵.

Em outubro do mesmo ano, cerca de 100 blindados dos Estados Unidos começaram a retirada das tropas no norte do país, sem nenhum acordo formal com a Turquia para a proteção das populações curdas. Durante a retirada, curdos acusaram o presidente Donald Trump de tê-los abandonado. Cerca de 80% de 1.000 militares estadunidenses foram retirados rumo ao Iraque, sendo outros 200 relocados para a proteção de campos estratégicos de petróleo³⁶.

No mesmo mês, a Turquia anunciou uma invasão total do território norte da Síria. Chamada de “Operação Primavera da Paz”, a ofensiva se iniciou com bombardeios aéreos em cidades na fronteira dos dois países, e tinha

como objetivo principal atacar as Forças Democráticas Sírias (SDF, na sigla em inglês) e o Exército Árabe Sírio (SAA) para criar uma “zona segura” de 30 km entre a fronteira turca e a área de atuação destes grupos na Síria. Por conta de sua ligação com grupos curdos, as SDF são consideradas um grupo terrorista na Turquia, mas são aliadas dos Estados Unidos na luta contra o ISIS.

A operação foi veemente condenada por órgãos internacionais de defesa dos Direitos Humanos, que relataram inúmeras violações e crimes de guerra cometidos por forças turcas. Um relatório emitido pela Anistia Internacional dizia que o governo turco e os grupos armados sírios patrocinados pela Turquia “demonstraram um desprezo vergonhoso pela vida civil, realizando graves violações e crimes de guerra, incluindo assassinatos sumários e ataques ilegais que mataram e feriram civis”³⁷. Além disso, tropas russas passaram a vasculhar as regiões antes sob controle dos Estados Unidos.

A retirada dos Estados Unidos foi caracterizada como, ao menos, impensada, pelos países aliados. Por ter sido um movimento súbito, seguido de uma operação militar turca contra grupos aliados estadunidenses, a retirada das tropas criou um vácuo de poder na região noroeste da Síria, que pode ser preenchida pela Rússia e Irã. Dez países europeus, além do Canadá, impuseram sanções contra a Turquia após a ação militar, enquanto os Estados Unidos impuseram sanções contra ministros turcos³⁸. A Rússia, embora reconhecendo

o direito turco de autodefesa, aumentou o número de tropas na Síria³⁹.

CONCLUSÕES

O conflito civil sírio se insere no contexto dos protestos ocorridos durante a chamada 'primavera árabe'. As causas dos protestos se relacionavam principalmente com os efeitos da estiagem de 2006-2011, a questão econômica, desemprego, alta da inflação, além do alargamento não planejado das cidades devido a migrações provindas das zonas rurais. O descontentamento da população, manifestado em protestos, foi violentamente suprimido, o que abriu lugar para a formação de milícias armadas contra o governo.

Durante a guerra civil, a rápida ascensão do grupo ISIS deu motivo para que os Estados Unidos e seus aliados lançassem uma série de operações militares no Levante. Por outro lado, Rússia, Irã e o grupo libanês Hezbollah se envolveram em apoio ao presidente sírio. Além disso, parte do território sírio já era foco de instabilidades por conta do conflito pré-existente entre curdos e turcos. Isso fez com que a região se tornasse palco de uma série de conflitos ao mesmo tempo: a disputa entre o governo sírio e grupos insurgentes, a luta

contra grupos extremistas como o ISIS e a questão curda.

Seguindo anúncios de que o Estado Islâmico estava derrotado em 2018, a operação de retirada lançada pelos Estados Unidos no norte da Síria foi vista como brusca, uma vez que não contou com qualquer acordo formal com a Turquia sobre a proteção dos grupos curdos que vivem na região e que haviam sido aliados dos Estados Unidos na luta contra o ISIS.

A retirada estadunidense teve duas principais consequências. A primeira, mais imediata, foi a investida turca contra os

curdos na fronteira norte da Síria, tendo como principal objetivo a criação de uma "zona segura" entre a fronteira turca e a área de atuação de grupos insurgentes sírios. A segunda foi a formação de um vazio de poder naquela região, preenchido pela Rússia e pelo Irã. Com isso, percebe-se que o conflito ainda não está próximo de uma resolução. E quando a guerra civil terminar, algumas questões importantes deverão ser resolvidas, entre elas a autonomia dos curdos, sua ligação com os grupos da mesma etnia da Turquia, além das relações entre a Síria e esse seu vizinho.



Soldado das SDF em Tabqa
Autor: Mahmoud Bali (VOA)

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:SDF_in_Tabqa_1.png

¹ Doutorando no programa de *Global Studies* da Universidade de Massachusetts, Lowell, EUA.

² BRADY, Kyle R. **Assessing the Start of the Arab Spring and Relevant Factors**. London: Kings College of London, 2018.

³ ISRAELI, Raphael. **From Arab spring to Islamic winter**. Routledge, 2017.

⁴ GAUSE III, F. Gregory. Why Middle East Studies Missed the Arab Spring: The Myth of Authoritarian Stability. **Foreign Affairs**, New York, jul. 2011.

⁵ Os Hashemitas, por exemplo, controlam a Jordânia desde a sua criação em 1920. Vale a ressalva de que estes regimes podem ser ainda mais antigos, como a dinastia Alauita que, no Marrocos, ascendeu ao poder pela primeira vez no século XVII.

⁶ MACFARQUHAR, Neil (Org.). Arab League Votes to Suspend Syria Over Crackdown. **The New York Times**. New York, p. 1-3. 12 nov. 2011. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2011/11/13/world/middleeast/arab-league-votes-to-suspend-syria-over-its-crackdown-on-protesters.html>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

⁷ Instituição intergovernamental constituída de 43 membros, que tem por objetivo promover o diálogo e cooperação na região do mediterrâneo. UNION FOR THE MEDITERRANEA. Disponível em: <<https://ufmsecretariat.org>>. Acesso em: 21 mar 2020.

⁸ Houve um breve período que antecedeu o mandato francês no qual a Síria foi um reino sob o governo de Faisal I (de 7 de março a 24 de julho de 1920). A resistência do monarca frente ao mandato francês resultou na Guerra Franco-Síria, encerrada quando tropas francesas foram vitoriosas na Batalha de Maysalun. Faisal I foi posteriormente conclamado Rei do Iraque, sob proteção britânica, de 1921 a 1933.

⁹ GAMBILL, Gary C. Syrian Druze: toward defiant neutrality. **Foreign Policy Research Institute**, vol. 45. 2013.

¹⁰ KHOURY, Philip S. Factionalism Among Syrian Nationalists During the French Mandate. **International Journal of Middle East Studies**, Cambridge, v. 13, n. 4, p.441-469, nov. 1981.

¹¹ Idem.

¹² Idem.

¹³ HINNEBUSCH, Raymond A. State and civil society in Syria. **Middle East Journal**, vol. 47, no. 2, p. 243-257. 1993.

¹⁴ Notadamente a Guerra dos Seis Dias (1967), o Setembro Negro (1970), e a Guerra do Yom Kippur (1973).

¹⁵ GLEICK, Peter H.; WATER, Drought. Climate Change, and Conflict in Syria. **Weather, Climate, And Society**, [s.l.], v. 6, n. 3, p.331-340, jul. 2014.

¹⁶ OWEIS, Khaled Yacoub (Ed.). Syria's Assad ends state of emergency. **Reuters**. Amman, p. 1-3. 20 abr. 2011. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-syria/syrias-assad-ends-state-of-emergency-idUSTRE72N2MC20110421>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

¹⁷ Syrian Civil War. **Encyclopaedia Britannica**, London, dez. 2019. Disponível em: <<https://www.britannica.com/event/Syrian-Civil-War>>. Acesso em: 1 jan. 2020.

¹⁸ *Final communiqué of the Action Group for Syria*, do orinal em inglês.

¹⁹ UN. **A/66/865-S/2012/522**. Genebra, 30 jun 2012. Disponível em: <https://peacemaker.un.org/sites/peacemaker.un.org/files/SY_120630_Final%20Communique%20of%20the%20Action%20Group%20for%20Syria.pdf>. Acesso em 12 nov 2019.

- ²⁰ ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, op. cit., p. 5.
- ²¹ Idem.
- ²² ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, op. cit., p. 3.
- ²³ BLANCHARD, Christopher M., HUMUD, Carla, NIKITIN, Mary. *Armed Conflict in Syria: Overview and US Response*. **Library of Congress Washington DC Congressional Research Service**, 2014.
- ²⁴ INTERFAX (Ed.). Putin called the main task of the Russian military in Syria. **Interfax Russia**. Moscow, p. 1-3. out. 2015. Disponível em: <<https://www.interfax.ru/russia/472593>>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- ²⁵ LAUB, Zachary, MASTERS, Jonathan. *The Islamic State*. **Council on Foreign Relations**, 10. 2016.
- ²⁶ Idem.
- ²⁷ BARBER, Rebecca. Uniting for peace not aggression: responding to chemical weapons in Syria without breaking the law. **Journal of conflict and security law**, 24.1. 2019. Pag. 71-110.
- ²⁸ JOBY WARRICK. Iraq, siding with Iran, sends “lifeline to Assad”. **Washington Post**. Washington, p. 1-3. out. 2011. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/national-security/iraq-siding-with-iran-sends-lifeline-to-assad/2011/10/06/gIQAFEAIWL_story.html>. Acesso em: 20 out. 2019.
- ²⁹ Damascus allows Iraq to hit ISIL targets in Syria: State media. **Al Jazeera**. Damasco, p. 1-2. dez. 2018. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2018/12/damascus-iraq-hit-isil-targets-syria-state-media-181230172409718.html>>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- ³⁰ France hits back at Russia over Syria bombing campaign. **Reuters**. Damasco, p. 1-3. nov. 2015. Disponível em: <<https://uk.reuters.com/article/uk-mideast-crisis-france-russia/france-hits-back-at-russia-over-syria-bombing-campaign-idUKKCN0T929420151120>>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- ³¹ KHALAF, Roula; SMITH, Abigail Fielding. Qatar bankrolls Syrian revolt with cash and arms. **Financial Times**. London, p. 1-5. 16 maio 2013. Disponível em: <<http://ig-legacy.ft.com/content/86e3f28e-be3a-11e2-bb-35-00144feab7de#axzz6BmxOZQ7i>>. Acesso em: 12 dez. 2019.
- ³² Jordan confirms its planes joined strikes on IS in Syria. **The Jordan Times**. Amman, p. 1-3. 23 set. 2014. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20150319220633/http://jordantimes.com/jordan-confirms-its-planes-joined-strikes-on-is-in-syria>>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- ³³ Syria Conflict: Bolton says US withdrawal is conditional. **BBC**. New York, p. 1-2. 6 jan. 2019. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20190106205318/https://www.bbc.com/news/world-us-canada-46775308>>. Acesso em: 10 out. 2019.
- ³⁴ Syria Conflict: Turkey says US plea on Kurds ‘unacceptable’. **BBC**. New York, p. 1-2. 8 jan. 2019. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20190109034843/https://www.bbc.com/news/world-middle-east-46792329>>. Acesso em: 10 out. 2019.
- ³⁵ US to expel every last Iranian boot from Syria - Pompeo. **BBC**. New York, p. 1-2. 10 jan. 2019. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20190111005032/https://www.bbc.com/news/world-middle-east-46828810>>. Acesso em: 10 out. 2019.
- ³⁶ KINGSLEY, Patrick; HUBBARD, Ben. U.S. Withdrawal From Syria Gathers Speed, Amid Accusations of Betrayal. **The New York Times**. New York, p. 1-2. 21 out. 2019. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/10/21/world/middleeast/us-withdrawal-syria-iraq.html>>. Acesso em: 30 out. 2019.
- ³⁷ NAIDOO, Kumi. Syria: Damning evidence of war crimes and other violations by Turkish forces and their allies. **Amnesty International**. Damasco, p. 1-3. 18 out. 2019. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/latest/news/2019/10/syria-damning-evidence-of-war-crimes-and-other-violations-by-turkish-forces-and-their-allies/>>. Acesso em: 30 out. 2019.
- ³⁸ Turkey-Syria offensive: US sanctions Turkish ministries. **BBC**. Damasco, p. 1-3. 15 out. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-middle-east-50050264>>. Acesso em: 30 out. 2019.
- ³⁹ HUBBARD, Ben et al. In Syria, Russia Is Pleased to Fill an American Void. **The New York Times**. New York, p. 1-3. 15 out. 2019. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/10/15/world/middleeast/kurds-syria-turkey.html>>. Acesso em: 30 out. 2019.



Série Conflitos Internacionais é editada pelo Observatório de Conflitos Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP) - Campus de Marília – SP

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas nesse material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem as visões do OCI ou da UNESP.

Editor: Prof. Dr. Sérgio L. C. Aguiar
 Diagramação: Gláucio Rogério de Moraes
 ISSN: 2359-5809
 Comentários para: oci@marilia.unesp.br
 Disponível em: www.marilia.unesp.br/#oci

SÉRIE CONFLITOS INTERNACIONAIS MAIS RECENTES:

- Ucrânia: conflito como herança da “cortina de ferro” na Rússia contemporânea V. 5, n. 4
- A limpeza étnica em Mianmar e o êxodo do povo Rohingya V. 5, n. 5
- Abuso e exploração sexual nas operações de paz da ONU V. 5, n. 6
- As disputas marítimas no mar do sul da China: antecedentes e ações militares no século XXI V. 6, n. 1
- A agressão militar da Federação Russa na Ucrânia V. 6, n. 2
- Conflitos no continente americano: Haiti, Nicarágua, Venezuela V. 6, n.3
- O Conflito Separatista no Camarões: Anglófonos e Francófonos V. 6, n. 4
- Os conflitos na região da Caxemira V. 6, n. 5
- A agenda da ONU para as crianças-soldado V. 6, n. 6